DE SERINHAÉM PARA O RECIFE E O BRASIL: a trajetória do artilheiro Ramon, do Santa Cruz

Jorge Ventura de Moraes*

Túlio Velho Barreto**

José Luiz Ratton***

Introdução

Em maio de 2006, logo após a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Futebol (Nesf), no âmbito de uma parceria interinstitucional envolvendo a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), através do seu Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), e a Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), através de sua Diretoria de Pesquisas Sociais (Dipes), organizamos o Seminário Internacional Futebol, Cultura e Globalização, que teve a participação de pesquisadores e professores universitários, inclusive da Argentina, jornalistas e cronistas esportivos, “torcedores-historiadores” de clubes pernambucanos e ex-jogadores de futebol, dentre eles Reinaldo, craque do Atlético Mineiro e da Seleção Brasileira, e Ramon, artilheiro dos anos de ouro do Santa Cruz, e de outros grandes clubes brasileiros na década de 1970.

Com efeito, em 1973, Ramon entrou para a história do futebol brasileiro ao se tornar o primeiro jogador de um clube do Nordeste do país a se tornar artilheiro do Campeonato Nacional, na versão em que passou a ser disputada a partir de 1971. Na ocasião, marcou 21 gols ficando à frente de grandes jogadores e goleadores como Pelé (Santos), Leivinha (Palmeiras), Mirandinha (São Paulo), por exemplo. Para que se tenha uma idéia de sua importância, até hoje, tal feito só ocorreu mais uma única vez, em 1990, quando Charles, do Bahia, foi o artilheiro nacional com 11 gols. Já a marca absoluta de Ramon, de 21 gols em um único campeonato, só foi superada 10

* Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

** Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

*** Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

anos depois, quando Serginho (Santos) assinalou 22 gols. E mais: Ramon foi artilheiro a despeito do Santa Cruz ter sido apenas o 17º colocado entre 40 participantes e ter marcado 39 gols em todo o campeonato.

Mas, além de sua vitoriosa trajetória de jogador de futebol profissional, o que mais nos chamou a atenção, e a razão pela qual incluímos o depoimento de Ramon neste dossiê, é sua história de vida, marcada por uma série de opções, que o levou a não reproduzir a trajetória dos trabalhadores de Sirinhaém, na Zona da Mata Sul de Pernambuco, ligada à produção de açúcar, bem como sua enorme capacidade de contá-la, de narrá-la de forma clara, objetiva e articulada, em que é possível acompanhar suas experiências mais remotas através de uma invejável memória.

De fato, é relevante destacar que a primeira parte do depoimento abaixo corresponde exatamente à sua exposição no Seminário, que durou cerca de 30 minutos. A exposição começa com Ramon informando seu nome completo, o lugar onde nasceu, como foi sua infância, seu primeiro contato com o futebol etc. e termina com ele contando suas experiências, à época, como membro da Comissão Técnica dos juniores do Santa Cruz. Tal narrativa é concluída com a frase: “Essa é a minha história”. E isso sem que ele fosse instruído a fazê-lo dessa forma e sem que recorresse a qualquer anotação. Já a segunda parte do depoimento resulta de respostas e comentários a intervenções de convidados e participantes daquele evento.

Um esclarecimento. Para o seminário, solicitamos apenas aos três ex-jogadores convidados para que contassem sua história futebolística. No caso de Ramon, e apenas no dele, pudemos igualmente “descobrir” o ambiente e as razões que o levaram a optar pela carreira de jogador profissional de futebol. E como ele se preparou, planejou e percorreu tal trajetória, pesando prós e contras, escolhendo e percorrendo seu caminho, enfim. Como nos chamou a atenção o antropólogo José Sérgio Leite Lopes, do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, então professor visitante do PPGS-UFPE e um dos palestrantes do seminário, a trajetória de vida de Ramon e sua já comentada capacidade de (re)construí-la a partir da memória, de *per si*, mereceria uma abordagem mais ampla baseada em entrevistas de profundidade.

É importante frisar que o interesse de Leite Lopes resulta, sobretudo, de suas pesquisas antropológicas. Com efeito, basta lembrar que ele é autor dos dois clássicos *O Vapor do Diabo*: o trabalho dos operários do açúcar

(Paz e Terra, 1976) e *A Tecelagem dos Conflitos de Classe Na Cidade das Chaminés* (Marco Zero/CNPq, 1988).

No primeiro, Leite Lopes tratou do ambiente e reprodução sociais e das condições de vida dos trabalhadores de usinas na Zona da Mata Sul, inclusive da Usina Trapiche, em Serinhaém, onde Ramon nasceu; e, no segundo, deu continuidades às suas investigações analisando a vida operária no município do Paulista, na Região Metropolitana do Recife, que, até os anos 1970-80, foi importante pólo têxtil de Pernambuco, e para onde migrou significativo contingente de trabalhadores das indústrias açucareiras do Estado, inclusive da Mata Sul. E, como se verá, diferentemente desses trabalhadores, no mesmo período, embora tenha seguido a mesma trilha até o Recife, Ramon fez outras opções.

Hoje, Leite Lopes vem desenvolvendo pesquisas na área da memória operária das áreas em que trabalhou nos anos de 1970 e 1980. Daí nos ter feito, ainda durante o seminário, um desafio, que, com a decisiva participação dele, começou a ser enfrentado. Para tanto, realizamos duas entrevistas com Ramon, com a participação de Leite Lopes, que perfazem cerca de quatro horas de registros audiovisuais.

Já o que se segue corresponde à íntegra da participação de Ramon no Seminário Internacional Futebol, Cultura e Globalização, na sessão “Os craques contam suas histórias”, realizada na manhã do dia 12 de maio de 2006. Mas, para usar a expressão esportiva, pretendemos que o depoimento a seguir tenha sido, como propôs Leite Lopes, apenas o ponta pé inicial para um projeto de mais fôlego, que carece ainda de maior precisão, o que não impede que já comece a gerar resultados. Portanto, com a palavra o artilheiro Ramon, um dos maiores ídolos da história do Santa Cruz.